

NARCISOS DE PORTUGAL

POR

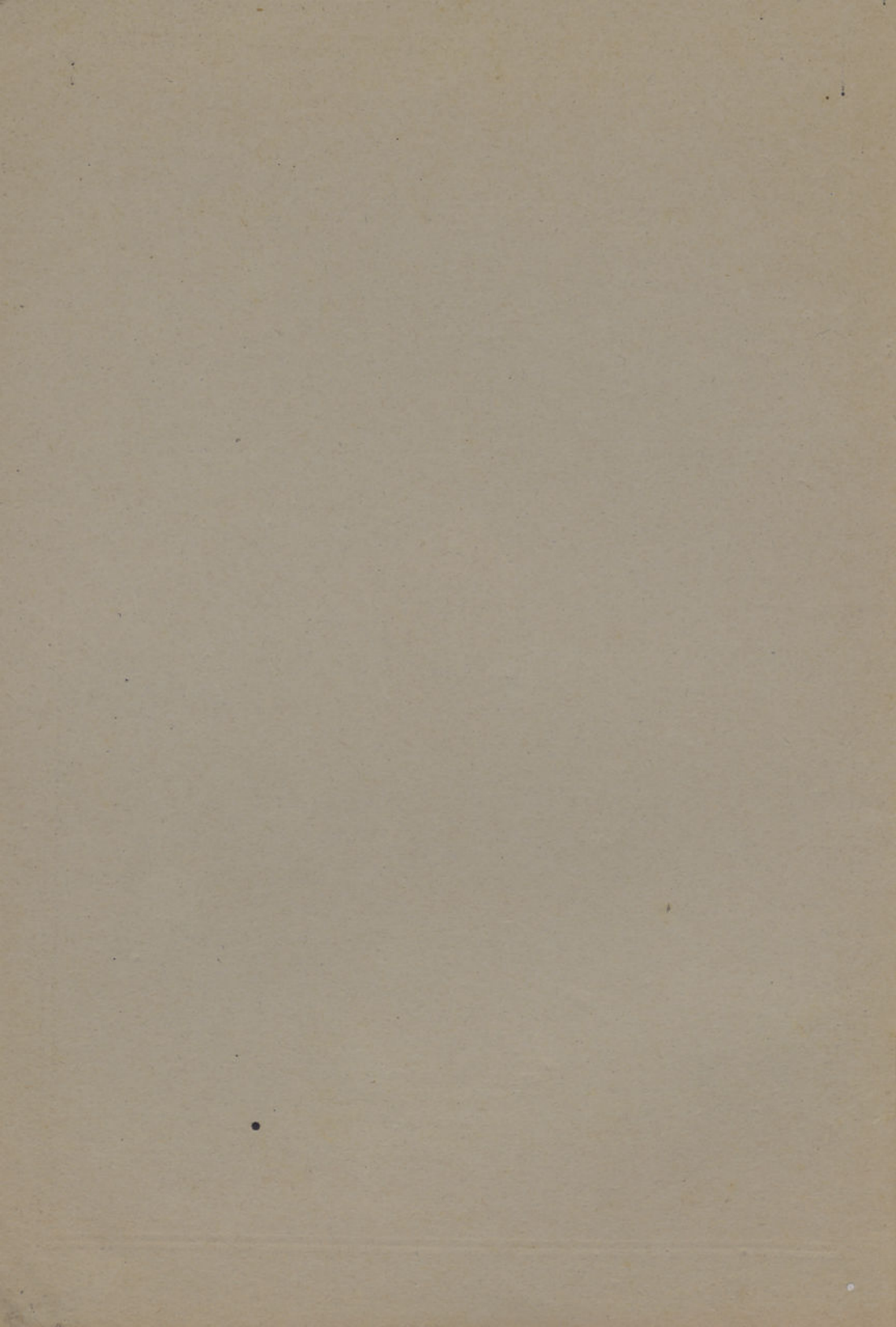
ABÍLIO FERNANDES



SEPARATA DO
ANUÁRIO DA SOCIEDADE BROTIERIANA
ANO II — VOL. II

1936

RC
MNCT
58
FER



*Homenagem do
Autor.*

NARCISOS DE PORTUGAL

POR

ABÍLIO FERNANDES



AC
MNCI
58
FER

SEPARATA DO
ANUÁRIO DA SOCIEDADE BROTERIANA
ANO II — VOL. II

1936

• **C**omposição e impressão da Oficina de
José de Oliveira Júnior — Alcobaça

NARCISOS DE PORTUGAL

por

ABÍLIO FERNANDES

INTRODUÇÃO

NÃO conheceis a história de Narciso, o filho do rio Cephiso e da bela Liríope? Permitti que vo-la conte, tal como a relata Ovídio nas suas «Metamorfoses».

Narciso era um jovem muito belo, que se dedicava à caça com um intenso fervor. A sua beleza física atraíu a atenção de várias ninfas que se apaixonaram pelo moço caçador. Contudo, Narciso desdenhou sempre do amor e nunca correspondeu a nenhuma das suas apaixonadas, mesmo à bela Echo — a ninfa mais duramente atingida pelo desdém do rival de Adónis.

Um dia Narciso, regressando sequioso de uma caçada, debruçou-se, para mitigar a sêde, sôbre as águas cristalinas de uma fonte. No fundo dessa fonte surgiu, perante os olhos espantados do jovem, uma imagem de tanta beleza que êle jâmais pôde esquecê-la.

Tão cheia de frescura e de juventude, tão graciosa e tão harmoniosa de formas era essa figura que o pobre moço se enamorou dela, sem saber que era a sua própria imagem que contemplava e pela qual se tinha apaixonado.

À medida que esta contemplação extática se tornava mais demorada, Narciso ia descobrindo, nessa imagem que o fascinava, novos encantos, novas graças, novas belezas!...

O amor por êsse sêr misterioso, que habitava no fundo da fonte, crescia impetuosamente no coração de Narciso e êle quedava-se, debruçado sôbre a água, abrasado por uma sêde que essa água não mitigava.

As feras puderam desde então passear livremente. O indómito caçador, preso de uma fascinação estranha, não podia abandonar aquela fonte, separar-se daquela imagem

que lhe sorria quando êle sorria, que còrava quando êle còrava e que se retirava logo que êle se afastava!...

Os dias passavam e o amor recrudescia. Êsse sêr tão belo, porém, aparecia só no fundo da fonte, conservando-se indefinidamente intangível, insensível aos rogos de Narciso.

Narciso desesperava-se, e êsse amor intenso consumia-o lentamente. Debruçado sôbre a fonte, olhos nos olhos daquela imagem tão querida, Narciso definhou e morreu. O Deus menino e insignificante — como Narciso chamava ao Amor — do qual tantas vezes zombara, tinha-se vingado de uma maneira terrível. Os deuses, conhecedores do trágico fim de Narciso, resolveram transformá-lo na planta que tem o seu nome.

Se já encontrastes narcisos nos campos ou nos jardins, mirando a sua gracilidade nas águas límpidas dos regatos ou dos lagos, não podereis deixar de concordar que os deuses, querendo perpetuar a memória do homem que amou a sua própria imagem, fizeram uma obra de extraordinária perfeição.

Tal é, segundo alguns autores, a história que originou o nome do género de que nos vamos ocupar.

Outros autores, e entre êles Plínio, derivam, porém, a palavra de *narce* (narcótico) recordando, assim, uma particularidade interessante dos narcisos: o seu perfume inebriante e narcótico. Por êste facto e ainda porque tôdas as partes destas plantas são extraordinariamente venenosas, os narcisos eram, segundo refere a mitologia, consagrados às Fúrias, que os utilizavam para enlouquecer as pessoas que queriam castigar. A acção narcótica do perfume das flores de alguns narcisos é um facto bem conhecido, pois que ela se tem manifestado várias vezes em pessoas de sensibilidade delicada que permaneceram em compartimentos fechados, na presença de ramos de flores dessas plantas.

Do que acabais de ler se depreende que os narcisos são plantas extraordinariamente belas, possuindo a maior parte das espécies flores intensamente odoríferas. Graças à sua beleza* e à sua fragrância, os narcisos não passam despercebidos aos olhos dos camponeses, que colhem as suas flores e os transplantam mesmo para os seus jardins. E se

estas plantas despertam a atenção dos camponeses, elas não poderão deixar de interessar também qualquer cultor da *sciencia amabilis* que, encontrando-as nos campos, não resistirá, necessariamente, à tentação de colhêr alguns exemplares com os quais irá enriquecer a sua colecção.

Dado o facto de os narcisos serem plantas extraordinariamente vistosas, parece que elles não deviam ter passado despercebidos aos primeiros herborizadores portugueses, e que nós devíamos ter, desde longa data, um conhecimento perfeito de tôdas as espécies da flora portuguesa. Tal não acontece, porém, pois que algumas espécies da nossa flora apresentam uma área de distribuição muito restrita, e outras vivem em lugares difficilmente acessíveis.

Compreende-se assim que algumas espécies não tenham sido encontradas pelos herborizadores, e que, recentemente (1926), o malogrado Dr. Daniel Guedes de Barros Santos, médico em Pôrto de Mós, tenha trazido ao Instituto Botânico de Coimbra um narciso que, estudado convenientemente pelo Sr. Dr. F. A. Mendonça, mostrou ser uma espécie nova (*Narcissus calcicola* A. Mendonça). Do mesmo modo, em 1931, foi encontrada na Serra do Gerez uma planta que foi identificada como sendo um híbrido entre o *Narcissus bulbocodium* L. e o *N. reflexus* Brot.. Estes factos mostram bem que nós não temos ainda um conhecimento completo de todos os narcisos portugueses, e que a exploração cuidadosa do nosso país, debaixo dêsse ponto de vista, nos poderá trazer ainda algumas novidades. Eis o motivo por que a Direcção da Sociedade Broteriana pretende chamar, por intermédio do seu Anuário, a atenção de todos os seus sócios para êste interessante grupo de plantas.

Os sócios da Sociedade Broteriana que, depois de lerem estas linhas, se dedicarem à colheita de narcisos não perderão o seu tempo. Assim, elles terão a consolação de colhêr plantas que lhes podem proporcionar alguns momentos de deleite espiritual; poderão aumentar a beleza dos seus jardins cultivando nêles os bolbos recolhidos no campo, e terão ensejo de obter depois, por hibridação, formas novas de interêsse hortícola; e poderão, enfim, encontrar for-

mas novas, desconhecidas pela ciência, que mereçam foros de espécies ou de variedades.

O Instituto Botânico da Universidade de Coimbra encontra-se actualmente muito interessado com o estudo citológico e taxonómico do género. As pessoas que trabalham nêsse assunto não podem deslocar-se com facilidade aos diversos pontos do país, a-fim-de recolherem o material necessário às suas investigações. Os sócios da Sociedade Broteriana, dispersos por todos os pontos de Portugal, poderiam auxiliar poderosamente êsse estudo, desde que enviassem para o Instituto Botânico bolbos dessas plantas, com a indicação da localidade onde a colheita foi realizada. Seria um serviço relevante, que o Instituto Botânico não esqueceria.

Chamada assim a atenção para estas plantas tão interessantes, vamos agora pròpriamente ao objectivo dêste artigo: habilitar os sócios da Sociedade Broteriana a distinguir e a identificar as espécies de narcisos existentes na flora portuguesa.

DETERMINAÇÃO DAS ESPÉCIES

Os narcisos são plantas pertencentes à sub-classe das *Monocotiledóneas*, ordem das *Liliflorales* e família das *Amarilidáceas*. Têm uma organização muito simples:—Um bolbo entunicado, ovóide ou esférico, de tamanho variável conforme as espécies, com as escamas externas escuras ou raras vezes um pouco esbranquiçadas. Na parte inferior dêsse bolbo inserem-se numerosas raízes finas, não ramificadas; superiormente saiem as fôlhas vegetativas normais, que são alongadas, semicilíndricas ou mais ou menos achatadas, de um verde carregado ou de um verde glauco. Da parte média do bolbo sai também, na altura da floração, um caule (*haste floral*, *pedúnculo floral* ou *escapo*) ôco ou maciço, cilíndrico ou mais ou menos comprimido, com duas linhas longitudinais opostas salientes. Êste pedúnculo possui, na sua parte superior, uma única fôlha membranoso-escarîosa (*espata* ou *bráctea*) que forma um invólucro que encerra as flores quando estas são novas. Nos últimos estados do seu desenvolvimento, as flores saiem

dêsse invólucro e abrem. As flores inserem-se na parte superior do escapo e são, na grande maioria dos casos, longamente pediceladas. A inflorescência é, assim, uma umbela, que pode ser constituída por uma só flor (*umbela uniflora*) ou por várias, desde 1 a 12 ou mais, (*umbela multiflora*). A flor possui um ovário ínfero, globoso-trigonal, trilocular, com vários óvulos em cada lóculo. Sôbre o ovário insere-se uma peça tubulosa (*tubo do perianto*), em geral bem desenvolvida, raras vezes curta ou sub-nula, cilíndrica, trigonal ou com a forma de um cone invertido. Na extremidade desta peça inserem-se 6 tépalas brancas ou amarelas, de forma variada, colocadas horizontalmente (*tépalas patentes*), ou mais ou menos reviradas sôbre o tubo (*tépalas retroflectidas*), ou formando um ângulo agudo com a coroa (*tépalas ascendentes*). A coroa, formação que muito contribui para o aformoseamento da flor dos narcisos, continua o tubo do perianto além do ponto onde se inserem as tépalas; o seu tamanho varia conforme as espécies e pode ter a forma de um tubo comprido, de um cone invertido, de um cálice, de uma taça ou de um anel pouco saliente. A margem da coroa pode ser inteira, lobada, denticulada ou fimbriada. O androceu é constituído por 6 estames inseridos, ou na base do tubo, ou na sua parte média, ou próximo da abertura; os filetes podem ser direitos ou curvos; as anteras são oblongas ou lineares, bilobadas, e inserem-se na extremidade do filete, ou pela parte média do dorso (*anteras dorsifixas*), ou quási pela base (*anteras subbasifixas*). O estilete é cilíndrico, de comprimento variável e terminado por um estigma trilobado. A cápsula é ovóide ou globoso-trigonal e abre por 3 valvas. As sementes são subglobosas ou angulosas, de testa negra.

Conhecida, assim, a organização dos narcisos, vejamos agora como poderemos identificar as espécies espontâneas da flora portuguesa.

*Chave para a determinação das espécies espontâneas
da flora portuguesa do género Narcissus*

- | | | | | |
|---|---|----------------------------|----------------------------------|---|
| 1 | { | Estames curvos | Sp. 15. <i>N. bulbocodium</i> L. | |
| | { | Estames direitos | | 2 |

2	{	Estames desiguais dispostos em duas séries sobre-	
		postas (3 cada uma)	3
		Estames iguais, uniseriados	13
3	{	Floração outonal; escapo não contemporâneo das	
		fôlhas. Sp. 1. <i>N. serotinus</i> L.	
		Floração primaveril	4
4	{	Tépalas patentes ou ligeiramente reviradas, me-	
		nores que o tubo	5
		Tépalas muito reviradas, do comprimento do tubo	
		ou pouco menores.	12
5	{	Tépalas brancas Sp. 2. <i>N. tazetta</i> L.	
		Tépalas amarelas.	6
6	{	Tubo do perianto muito comprido (20-30 mm.)	
	 Sp. 3. <i>N. jonquilla</i> L.	
		Tubo do perianto mais curto (8-20 mm.)	7
7	{	Flor solitária; pedicelo nulo ou muito curto . . .	
	 Sp. 3. <i>N. rupicola</i> Duf.	
		Pedicelos bem desenvolvidos	8
8	{	Fôlhas estreitamente lineares, semicilíndricas . . .	9
		Fôlhas mais largas, providas de duas linhas proe-	
		minentes na página inferior.	11
9	{	Tépalas lanceolado-acuminadas	
	 Sp. 6. <i>N. minutiflorus</i> Willk.	
		Tépalas ovadas ou ovado-lanceoladas	10
10	{	Tubo do perianto direito	
	 Sp. 4. <i>N. jonquilloides</i> Willk.	
		Tubo do perianto curvo.	
	 Sp. 5. <i>N. gaditanus</i> Boiss. et Reut.	
[8]			
11	{	Fôlhas prostradas, denticuladas nas margens; es-	
		capo quasi cilíndrico . Sp. 7. <i>N. scaberulus</i> Henriq.	
		Fôlhas erectas, lisas nos ângulos; escapo subcom-	
		primido Sp. 8. <i>N. calcicola</i> A. Mend.	

[4]

- 12 { Flores perfeitamente amarelas . Sp. 10. *N. triandrus* L.
 Flores esbranquiçadas ou amareladas
 Sp. 11. *N. reflexus* Brot.

[2]

- 13 { Tépalas reviradas sôbre o ovário; tubo subnulo ou
 muito curto (3 mm.) . Sp. 14. *N. cyclamineus* DC.
 Tépalas patentes ou ascendentes 14

- 14 { Escapo ôco e bigúmeo; fôlhas largas; flor grande
 Sp. 12. *N. pseudonarcissus* L.
 Escapo maciço, não bigúmeo; fôlhas estreitas; flor
 pequena . . Sp. 13. *N. asturiensis* (Jord.) Pugsley

Além destas espécies, foram encontrados ainda, na flora portuguesa, três híbridos que se distinguem dos outros narcisos pela facto de possuírem o *tubo do perianto estreitamente obcónico*. A sua identificação poderá ser feita utilizando a chave 6 da «Flora de Portugal» de D. António Xavier Pereira Coutinho, que reproduzimos aqui, visto essa chave só se encontrar completa no «Suplemento da Flora de Portugal», publicado recentemente, que os sócios da Sociedade Broteriana poderão não possuir.

Escapo roliço; tépalas estreitas, subpatentes, um pouco menores que a coroa; 3 estames maiores e 3 menores. Planta 1-flora, 2 fôlia, com as fôlhas estreitas. *Serra do Gerez, com os progenitores.*

. . . *N. bulbocodium* × *N. reflexus* Fernandes

Escapo subroliço; tépalas estreitas, sublineares, ascendentes; estames subiguais. Planta 1-flora, com as fôlhas estreitas. *Minho, com os progenitores.*

. . . *N. bulbocodium* × *N. pseudonarcissus* Bak.

Escapo comprimido; tépalas lanceoladas, subpatentes; 3 estames maiores e 3 menores. Planta 1-2-flora, com as fôlhas largas. *Minho, com os progenitores.*

. . . *N. pseudonarcissus* × *N. reflexus* (Henriq.).

Júlio Henriques, no seu belo trabalho «Amaryllídeas de Portugal» (Bol. Soc. Brot., V, pág. 159-174), considera ainda como espécies da flora portuguesa *N. odor* L., *N. intermedius* Lois. e *N. biflorus* Curt.. Pereira Coutinho, seguindo Júlio Henriques, inclui-as também na sua «Flora». Efectivamente, no herbário do Instituto Botânico da Universidade de Coimbra, encontram-se alguns exemplares dessas espécies, das seguintes proveniências:

N. odor L. — Póvoa de Lanhoso (A. Seabra Couceiro); Faro (Moller).

N. intermedius Lois. — Póvoa de Lanhoso (A. Seabra Couceiro).

N. biflorus Curt. — Lamego (A. de Lacerda).

O estudo morfológico e citológico demonstrou que estas formas, consideradas como espécies, não são senão híbridos, originados provavelmente nos jardins e escapados depois das culturas, como mostra o seguinte quadro:

N. odor L. = *N. pseudonarcissus* L. × *N. jonquilla* L.

N. intermedius Lois. = *N. tazetta* L. × *N. jonquilla* L.

N. biflorus Curt. = *N. tazetta* L. × *N. poeticus* L.

A espontaneidade destas espécies em Portugal não se poderá admitir, pois que, dada a distribuição das espécies do género, se verifica que estas formas se encontram em localidades onde nunca foi assinalada a existência simultânea dos dois progenitores. Assim, no que respeita ao *N. odor*, verificamos que em Póvoa de Lanhoso se encontra o *N. pseudonarcissus* mas não se encontra o *N. jonquilla*. Em Faro poderão encontrar-se talvez espécies próximas do *N. jonquilla*; o *N. pseudonarcissus*, porém, não se encontra nessa região. O *N. biflorus* também não se podia ter originado em Portugal, pois que um dos progenitores, o *N. poeticus*, nunca foi colhido no nosso país. Além disso, o *N. tazetta*, o outro progenitor, não existe em Lamego, localidade em que o *N. biflorus* foi colhido. Acêrca do *N. intermedius*, verifica-se ainda que

nenhum dos progenitores se encontra em Póvoa de Lanhoso.

A subespontaneidade destas espécies afigura-se-nos muito duvidosa, pois que o Prof. Gonçalo Sampaio, que conhece como ninguém a flora de Póvoa de Lanhoso e arredores, nos comunicou verbalmente que nunca tinha encontrado o *N. odoratus* e o *N. intermedius* nessa região.

As espécies em questão são extraordinariamente frequentes nos jardins. Na nossa opinião, a explicação mais provável da origem do material existente no herbário do Instituto Botânico de Coimbra é a seguinte: as plantas foram colhidas em jardins ou em antigos jardins. O facto de as etiquetas dessas plantas mencionarem unicamente, como lugar de colheita, Póvoa de Lanhoso, Faro e Lamego vem apoiar esta ideia. O Prof. Gonçalo Sampaio não menciona estas plantas no seu «Manual da Flora Portuguesa». Este facto mostra que este autor partilha também a opinião de que elas não devem ser incluídas na flora de Portugal.

DESCRIÇÃO DAS ESPÉCIES

Sp. 1—*N. serotinus* L. *Narciso do tarde*. Bolbo globoso, de 12-24 mm. de diâmetro. Fôlhas filiformes, não contemporâneas das flores. Escapo cilíndrico, muito fino, com 1-2 intumescimentos na porção inferior. Flores odoríferas, 1, raras vezes 2. Tubo esverdeado, subcilíndrico, de 12-15 mm. de comprimento; tépalas brancas, oblanceoladas, obtusas, de 12 mm. de comprimento; coroa muito curta, mais ou menos amarela, 3 ou 6-lobada. *Floração*: Setembro-Outubro.

Este narciso distingue-se muito bem de todos os outros porque é o único, das espécies portuguesas, que tem floração outonal. Além disso, ele é também muito característico por as fôlhas nascerem depois da floração e a coroa ser muito pequena com 3 ou 6 lóbulos. Esta espécie habita a região mediterrânica. Em Portugal tem sido encontrada unicamente no Algarve. No herbário português do Instituto Botânico de Coimbra, encontram-se somente 4 exemplares, 2 dos quais foram colhidos por J. Peres, nos

arredores de Tavira (Atalaia); os outros dois foram colhidos por J. Brandeiro, em Faro (Arábia). O naturalista do Instituto Botânico de Coimbra, Dr. Ascensão Mendonça, informa-me, porém, de que tem percorrido os arredores de Tavira e Faro e que nunca encontrou esta espécie. Este



Fig. 1.— *Narcissus tazetta* L. Jardim Botânico de Coimbra.

facto parece mostrar que o *N. serotinus* é actualmente muito raro em Portugal ou que êle talvez já não exista, em consequência de ter sido eliminado pela instalação de culturas nas localidades em que aparecia. Os sócios algarvios da Sociedade Broteriana teriam agora um ensejo para

tentarem reencontrar a espécie em questão e esclarecer assim o problema pôsto.

Sp. 2 — *N. tazetta* L. *Narciso do inverno, Junquilha branco*. Bolbo volumoso de 36-48 mm. de diâmetro. Fô-



Fig. 2.— Inflorescência de *Narcissus tazetta* L.

lhas glaucas, compridas e largas. Escapo nitidamente comprimido. Umbela multiflora (12-5-flora); pedicelos mais compridos igualando ou excedendo a espata. Flores odoríferas, com 2,5-3,5 cm. de diâmetro; tubo trigonal, esverdeado, com 18 mm. de comprimento; tépalas brancas, ovadas ou ovado-oblongas, imbricadas, de 8 mm. de largura; coroa em forma de taça, inteira, mais curta que a metade do comprimento das tépalas. *Floração*: Fevereiro-Abril. *Distribuição geográfica*: Províncias do litoral.

Esta espécie é extraordinariamente polimorfa. Em Portugal encontram-se, segundo Júlio Henriques e Pereira

Coutinho, duas variedades, que podem distinguir-se do seguinte modo (Pereira Coutinho):

- Tépalas obtusas, mucronadas; fôlhas um tanto rígidas, menores que o caule . . . Var. *papyraceus* (Ker.).
 Tépalas subagudas, mucronadas; fôlhas um tanto flácidas, do tamanho pròximamente do caule.
 Var. *Panizzianus* (Parl.).

Sp. 3—**N. jonquilla** L. var. **Henriquesi** Samp. *Junquillo*. Bolbo pequeno. Fôlhas estreitas (1-2 mm.). Umbela 1-5-flora. Flores intensamente odoríferas; tubo do perianto estreitamente cilíndrico, muito comprido (20-30 mm.); tépalas amarelas, obovadas, não ou pouco imbricadas; coroa em forma de taça, com a mesma côr das tépalas e com um terço ou mais do comprimento destas. *Floração*: Março. *Distribuição geográfica*: Alentejo (Torrão e Castelo de Vide).

Segundo o Prof. Gonçalo Sampaio, a única forma espontânea do *N. jonquilla* existente em Portugal é a sua variedade *Henriquesi*, cuja diagnose damos atrás.

Sp. 4—**N. jonquilloides** Willk. *Junquillo*. Bolbo pequeno, ovóide. Fôlhas erectas, semicilíndricas, canaliculadas na página superior e finamente estriadas na inferior. Escapo subcomprimido. Umbela 1-5-flora; pedicelos desiguais, mais compridos (na ântese) que a espata. Flores intensamente odoríferas de 2,5 a 3 cm.; tubo direito, esverdeado, de 15-20 mm. de comprimento; tépalas de 7-10 mm., muito mais curtas que o tubo, largamente ovadas, imbricadas, amarelas; coroa em forma de taça, mais intensamente côrada que as tépalas, ultrapassando metade do comprimento destas. *Floração*: Janeiro e Fevereiro. *Distribuição geográfica*: Algarve: entre Monchique e Vila do Bispo; entre Alte e São Bartolomeu de Messines; e entre Monchique e Lagos.

Sp. 5—**N. gaditanus** Bss. et Reut. Bolbo pequeno, ovóide. Fôlhas muito finas, semicilíndricas, mais compridas

que o escapo. Umbela 2-5-flora; pedicelos desiguais, não excedendo nenhum a espata. Tubo de 12-16 mm. de comprimento, recurvado; tépalas ovado-lanceoladas, apiculadas, amarelas, a princípio patentes e depois mais ou menos retroflectidas: coroa truncada, da mesma côr e aproximadamente tão comprida como as tépalas. *Floração*: Fevereiro-Março. *Distribuição geográfica*: Loulé.

Sp. 6 — *N. minutiflorus* Willk.. Bolbo pequeno, ovóide. Fôlhas estreitíssimas, semicilíndricas. Escapo muito atenuado na base, mais comprido que as fôlhas, erecto. Umbela 4-6-flora. Flores muito pequenas (aproximadamente 1 cm. de diâmetro); tubo superiormente alargado, muito curvo, esverdeado; tépalas patentes ou mais ou menos reflectidas, lanceolado-acuminadas, apiculadas; coroa em forma de taça, concolor, subinteira, um pouco mais curta que as tépalas. *Floração*: Fevereiro. *Distribuição geográfica*: Algarve: entre Monchique e Lagos.

Seguindo a opinião do Prof. Gonçalo Sampaio (Bol. Soc. Brot., vol. VII, 2.^a série, 1931) considerámos o *N. minutiflorus* Willk. como uma espécie distinta. Ultimamente, êste autor, examinando alguns exemplares colhidos em Messines pelo Dr. Ricardo Jorge, verificou, segundo amavelmente nos informa por carta, que êsses «exemplares, todos pequenos como os do *N. minutiflorus*, apresentavam uns as tépalas lanceolado-acuminadas, mas outros tinham-nas como as do *N. gaditanus*». Em face destas observações, Gonçalo Sampaio formula as seguintes perguntas: «Haverá lá as duas espécies? ou será variável, afinal, a forma das tépalas?» Pereira Coutinho, por seu turno, considera *N. minutiflorus* Willk. como uma subespécie de *N. gaditanus* Boiss. et Reut..

No herbário do Instituto Botânico de Coimbra encontram-se sòmente 3 exemplares, colhidos por Ascensão Guimarães em São Bartolomeu de Messines (Amoreira). Êste material é insuficiente para se resolver o problema, e, por isso, chamamos para êle a atenção dos sócios algarvios da Sociedade Broteriana, os quais poderiam, visitando Messines, obter elementos para responder às perguntas formu-

ladas por Gonçalo Sampaio. Esses sócios prestariam ainda um serviço relevante enviando bolbos das plantas colhidas para o Instituto Botânico de Coimbra.

Sp. 7 — *N. scaberulus* Henriq.. Bolbo pequeno (15 mm. de diâmetro), ovóide. Fôlhas 2, glaucas, mais ou menos prostradas, contorcidas, providas de dois ângulos salientes na página inferior, ligeiramente canaliculadas na página superior e com as margens levemente serrilhadas. Escapo de 6-10 cm. de altura, estriado, quasi cilíndrico. Umbela 1-2-flora. Flor de 12-15 mm. de diâmetro; tubo de 12-17 mm. de comprimento, esverdeado. Tépalas ovadas, imbricadas, a princípio patentes e finalmente pouco reflectidas; coroa da mesma côr das tépalas, em forma de pequena taça, mais ou menos crenada, quasi tão comprida como elas. *Floração*: Março-Abril. *Distribuição geográfica*: Oliveira do Conde.

Desde 1888, data em que Júlio Henriques descreveu esta espécie, não se conhecia senão a estação de Oliveira do Conde. Ultimamente, a Sr.^a D. Ester da Conceição Pereira de Sousa, naturalista da Sociedade Broteriana, descobriu uma nova estação em Bobadela, próximo de Oliveira do Hospital. É possível, porém, que esta espécie tenha uma área de distribuição maior do que aquela que se conhece actualmente. Os sócios da Sociedade Broteriana, que habitam nas proximidades das estações citadas, poderiam auxiliar-nos bastante na resolução deste problema.

Sp. 8 — *N. calcicola* A. Mendonça. Bolbo arredondado, de 14-22 mm. de diâmetro. Fôlhas 2, glaucas, erectas, de 10-20 cm. de comprimento, 2-4 mm. de largura, canaliculadas na página superior e com a página inferior provida de duas costas salientes. Escapo subcomprimido, estriado, tão comprido, ou quasi tão comprido, como as fôlhas. Umbela 1-4-flora. Tubo subcilíndrico, de 13-16 mm. de comprimento; tépalas obovadas, arredondadas, de 7-10 mm. de comprimento, amarelas; coroa em forma de taça, da mesma côr das tépalas. Sementes negras, rugosas, elipsoidais, de 3 mm. de comprimento. *Floração*: Fevereiro-Março. *Distribuição geográfica*: Pôrto de Mós (Mira de Aire).

Sp. 9 — **N. rupicola** Duf.. Bolbo ovóide, negro. Fôlhas 2-4, glaucas, fistulosas, canaliculadas superiormente e truncado-bi-tricostadas inferiormente, tão ou mais compridas que a haste floral. Escapo delgado, roliço ou quási. Umbela 1-flora. Flor suberecta, subséssil, odorífera de noite, de um amarelo citrino; tubo direito de 12-20 mm. de comprimento; tépalas largamente ovadas, mucronadas, estrelado-patentes; coroa em forma de taça, atingindo metade do comprimento das tépalas. *Floração*: Março-Abril. *Distribuição geográfica*: Trás-os-Montes, Minho e Beira Baixa.

Sp. 10 — **N. triandrus** L. Bolbo ovóide. Fôlhas estreitas (cêrca de 2 mm.), verde-claras, semicilíndricas, canaliculadas, providas de 7-9 estrias na página inferior. Escapo cilíndrico. Umbela 1-3-flora. Flores pendentes, inodoras, amarelas, concolores; tubo cilíndrico inferiormente e fracamente alargado na parte superior; tépalas retroflectidas, relativamente estreitas, apiculadas; coroa em forma de cálice, inteira ou largamente crenada, em geral medíocre (1 cm. ou menos). *Floração*: Março-Abril. *Distribuição geográfica*: Estremadura, Beiras.

Sp. 11. — **N. reflexus** Brot. Bolbo ovóide. Fôlhas verde-escuras, de 2-3 mm. de largura, canaliculadas na página superior, côncavas e providas de 4 estrias principais na página inferior. Escapo cilíndrico. Umbela 1-6-flora. Flores pendentes, inodoras, esbranquiçadas ou ligeiramente amarelado-sulfúreas; tubo cilíndrico, um pouco alargado superiormente; tépalas retroflectidas, relativamente estreitas, apiculadas; coroa inteira ou largamente crenada, em geral majúscula (1 cm. ou mais). *Floração*: Fevereiro-Maio. *Distribuição geográfica*: Trás-os-Montes, Minho e Beiras.

Sp. 12. — **N. pseudonarcissus** L.. *Narciso trombeta*. Bolbo globoso-ovóide. Fôlhas erectas, glaucas, um pouco caneladas, de 6-12 mm. de largura. Escapo ôco, bigúmeo, estriado, igualando ou excedendo as fôlhas. Umbela 1-flora. Flor grande, concolor ou bicolor, inclinada ou aproximadamente horizontal; tubo largamente obcónico; tépalas larga-

mente lanceoladas com as margens onduladas, aproximadamente do comprimento da coroa; coroa grande, tubulosa; estames quási completamente livres, uniseriados; anteras



Fig. 3 — *Narcissus pseudonarcissus* L. Jardim Botânico de Coimbra.

subbasifixas; estilete excedendo pouco os estames. *Floração*: Março-Junho. *Distribuição geográfica*: Minho, Serra da Estrêla, Ferreira do Zêzere, Sintra, Mafra, Arrábida, Odemira.

Em Portugal encontram-se duas variedades que podem

ser identificadas utilizando a respectiva chave da «Flora de Portugal» de Xavier Pereira Coutinho:

Flor uniformemente amarela... var. 1. *concolor*

Flor com tépalas amarelo-pálidas e a

coroa amarelo-viva 2. *bicolor*

Sp. 13 — *N. asturiensis* (Jord.) Pugsley. Bolbo pequeno, ovóide (aproximadamente 15 mm. de comprimento e 10 mm. de largura). Fôlhas 2-3, glaucas, canaliculadas em todo o seu comprimento, de 2-6 mm. de largura e um pouco dilatadas superiormente. Escapo meduloso fortemente estriado mas não bigúmeo (pelo menos acima da base). Espata esverdeada, subherbácea. Flor solitária, pequena (20-25 mm., excluindo o ovário), amarela, inclinada; tubo esverdeado, mais curto que a coroa (7-9 mm.); tépalas oblongo-lanceoladas, mais curtas que a coroa, ascendentes; coroa dilatada inferiormente, contraída próximo do meio e depois novamente dilatada e alargada na margem; filetes inseridos junto à base do tubo. *Floração*: Março-Maio. *Distribuição geográfica*: Serra da Estrêla, Serra dos Rebordões e Serra do Gerez.

Sp. 14 — *N. cyclamineus* DC. *Martelinhos*. Bolbo pequeno, ovóide (aproximadamente 16 mm. de comprimento e 12 mm. de largura). Fôlhas verde-claras, espessas, estreitas (3-5 mm. de largura), largamente canaliculadas. Escapo quasi cilíndrico, finamente estriado. Flor solitária, revirada, amarela, inodora; tubo muito curto (2-3 mm.) e largo; tépalas sublanceoladas, intensamente retroflectidas; coroa oblonga, comprida, estreita, alargada na margem, que varia de dentada a subinteira; estames inseridos junto à base do tubo; anteras subbasifixas. *Floração*: Março. *Distribuição geográfica*: Margens dos rios Ferreira e Avintes, nas proximidades do Pôrto.

Sp. 15. — *N. bulbocodium* L. *Campainhas amarelas*. Bolbo ovóide de 12-18 mm. de diâmetro. Fôlhas semicilíndricas. Escapo cilíndrico. Flor solitária, amarela; tubo obcónico, tão comprido como a coroa; tépalas triangular-

-lineares, ascendentes, muito estreitas, menores que a coroa; coroa afunilada com a margem inteira ou ondulada; filetes curvos; anteras dorsifixas. *Floração*: Dezembro-Junho. *Distribuição geográfica*: todo o país.

Esta espécie é extraordinariamente polimorfa. No que respeita às variedades vidé «Flora de Portugal» de Xavier Pereira Coutinho, página 140.

* * *

As lindas fotografias que ilustram êste trabalho foram executadas pelo Sr. Dr. A. Taborda de Moraes, Assistente do Instituto Botânico da Universidade de Coimbra; por êste motivo, aqui lhe deixamos consignada a expressão dos nossos melhores agradecimentos.





RÓ
MU
LO



132966049X

CENTRO CIÊNCIA VIVA
UNIVERSIDADE COIMBRA

